

ALGUÉM COMO NÓS

O QUE VOCÊ SACRIFICARIA PARA SE ENCAIXAR?

NICOLA
YOON



“Uma coleira longa ainda é uma coleira.”
– Octavia Butler, série O Padronista

“As definições pertencem aos definidores,
não aos definidos.”
– Toni Morrison, *Amada*





PARTE UM





1

– Aqui é lindo mesmo – declara Jasmyn, olhando pela janela do banco do passageiro.

“Aqui” é o Museu de História Negra, com suas colunas romanas enormes e uma escadaria imponente. Na porta ao lado, o jardim de esculturas muito bem-cuidado exhibe estátuas de W.E.B. Du Bois, Marcus Garvey, Stokely Carmichael, Malcolm X e, claro, Martin Luther King Jr. Um quarteirão adiante surge o Teatro Liberdade, com seu estilo rococó. Cartazes enormes anunciam as datas das apresentações de dezembro do espetáculo *Quebra-Nozes*. Todos os papéis são estrelados por lindas bailarinas negras, desde o Rei dos Camundongos até a Fada Açucarada.

O marido de Jasmyn, Kingston – que todos chamam de King –, tira a mão do volante e aperta o joelho dela levemente.

– Foi uma longa jornada – diz.

Jasmyn sorri para King, que está olhando para a frente, e poussa a mão sobre a dele. Só Deus sabe o quanto ele se esforçou para chegarem aqui. “Aqui” é Liberdade, um pequeno subúrbio nos arredores de Los Angeles, na Califórnia.

Ela olha, ávida, para tudo que está em volta, no centro do lugar. Eles passam pelos Jardins Liberdade, com suas diversas espécies de cactos e suculentas. Numa visita anterior, Jasmyn havia lido a placa e aprendido que flores desérticas têm adaptações singulares que lhes permitem extrair toda a umidade possível do ambiente seco. Jasmyn contou a King que se identificava com elas pela capacidade de prosperar em meio às dificuldades.





– Aposto que elas prefeririam que chovesse só mais um pouquinho – brinca ele.

– Talvez – responde Jasmyn e ri junto com ele.

Passam pelo complexo aquático e depois pelo centro equestre, onde ela avista duas jovens negras, de 12 ou 13 anos, estilosas em seus coletes de equitação, calças e botas.

Enfim começam a subir a Colina Liberdade em direção à área residencial. Já visitaram a comunidade três vezes, mas Jasmyn ainda fica deslumbrada e, sinceramente, um pouco desnorteada com o tamanho das casas. Aliás, por que chamar esses imóveis de casas? São castelos modernos, isso, sim. Têm gramados extensos e são delimitados por cercas vivas muito bem aparadas. As entradas de automóveis são amplas e circulares, a maioria decorada com fontes ou elementos arquitetônicos com água. A todo momento eles veem carros de centenas de milhares de dólares. Passam por duas vans de manutenção de piscina e outra de manutenção de quadra de tênis.

Jasmyn tem dificuldade para acreditar que todos os moradores dali são negros. E mais ainda para acreditar que, em apenas um mês, ela será uma dessas pessoas. A Jasmyn que cresceu lutando por espaço num minúsculo apartamento de um quarto com a mãe, a avó e a irmã mais velha nunca poderia ter imaginado que moraria num lugar como este. Aquela Jasmyn pensaria que esse tipo de vida só seria possível para os brancos ricos que via nos programas de TV.

Mas ali está ela, passando de carro em frente a casas escandalosamente colossais, a caminho da *própria* casa escandalosamente colossal.

King entra na rua em que vão morar. Falta uma semana para o Dia de Ação de Graças, mas algumas casas já estão com decorações natalinas. A primeira tem não apenas uma, mas duas árvores de Natal imponentes de cada lado do gramado. Ambas estão cobertas de neve artificial e enfeitadas com flocos de neve de cristal. Mais perto da casa em si, luzes de fada sobem em espiral até o topo de palmeiras de quinze metros de altura. Há guirlandas em cada janela e uma mais elaborada pendurada na porta da frente.

Mas é a casa meio quarteirão à frente que faz Jasmyn pedir a King que diminua a velocidade e pare.

– Essas pessoas não estão de brincadeira – comenta King.

A casa tem três cenários distintos em exposição, todos eles compostos de animatrônicos e tão realistas que Jasmyn precisa olhar três vezes para





acreditar. No lado esquerdo da entrada para carros há um presépio completo com os Três Reis Magos curvados, o menino Jesus na manjedoura e dois anjos com as asas batendo devagar. No direito, uma detalhada oficina do Papai Noel com direito a Mamãe Noel e seus ajudantes duendes embrulhando uma pilha de presentes. O último cenário está no telhado. Papai Noel, esplendoroso e alegre, parece prestes a decolar num trenó de tamanho real com renas comandadas pelo Rudolph.

Para Jasmyn, porém, a parte mais incrível, que a faz abrir um sorriso de orelha a orelha, é o fato de que todos os personagens são negros. O Papai Noel e a Mamãe Noel. Os anjos e os duendes. O menino Jesus e os Três Reis Magos. Cada um deles num tom de marrom.

– Simplesmente lindo! – elogia ela.

Claro que Jasmyn já viu Papais Noéis negros antes. Nos últimos dois anos, fez de tudo para comprar um para o filho deles, Kamau, de 6 anos. E até hoje se lembra da primeira vez que viu um Papai Noel negro. Tinha 9 anos quando encontrou a vizinha comentando com sua mãe:

– Fiquei sabendo que tem um Papai Noel negro no shopping.

Jasmyn implorou à mãe que fossem vê-lo. Na semana seguinte, elas e todas as famílias negras da vizinhança foram ao shopping. A fila era longa, e a mãe estava irritada quando chegou sua vez. Mas Jasmyn se sentou no colo do Papai Noel e pediu aquilo que achou que um Papai Noel negro entenderia: dinheiro. Dinheiro para que sua mãe não precisasse trabalhar em dois empregos. Dinheiro para que ela pudesse ter o próprio quarto e não precisasse dividir a sala de estar com a irmã, Ivy. Dinheiro para comprarem uma casa num bairro menos perigoso. Nem lhe passou pela cabeça simplesmente pedir uma casa num bairro que não fosse perigoso.

Seis semanas depois, sua avó morreu e deixou dinheiro suficiente para a mãe de Jasmyn sair de um dos empregos por alguns meses. A irmã largou a escola e foi morar com o namorado, que era mais velho. “Deus escreve certo por linhas tortas”, sua avó sempre dizia. Para Jasmyn, o Papai Noel também.

King se inclina na direção dela para ver melhor os cenários.

– A gente com certeza tomou a decisão certa, amor – afirma ele.

Diz isso porque, no início, precisou convencer Jasmyn.

Liberdade é maior que um bairro e menor do que uma cidade. De acordo com o folheto, é uma comunidade. Uma comunidade negra, riquíssima e cercada.





– Uma utopia negra – disse King quando falou do lugar pela primeira vez. – Todos, do prefeito ao delegado, dos policiais aos zeladores, são negros.

– Como conseguem permitir legalmente que só pessoas negras morem nesse lugar? – perguntou Jasmyn.

Kingston a encarou como se ela fosse ingênua.

– Quantos brancos que você conhece querem se mudar para um bairro de negros?

Ela deu o braço a torcer.

– É um lugar onde podemos relaxar e ser nós mesmos livremente – afirmou Kingston.

Jasmyn ainda estava com o pé atrás.

– Não existem utopias – respondeu.

Sem dúvida não para pessoas negras, e sem dúvida não nos Estados Unidos. Aliás, em nenhum outro lugar do mundo. Ela o lembrou de utopias negras que tinham sido testadas, sem sucesso: Allensworth e Soul City, por exemplo.

– Essa vai durar – insistiu ele.

Jasmyn queria que ele estivesse certo. Queria morar num lugar rodeada de pessoas negras prósperas e que pensassem como ela. Num lugar com ruas largas e tranquilas onde seu filho pudesse andar de bicicleta, despreocupado, com outras crianças negras. Um lugar onde tanto King quanto Kamau poderiam andar à noite em segurança. Ela os imaginou saindo de capuz para passear numa noite fria qualquer. Imaginou uma viatura parando ao lado deles. Mas a viatura tinha policiais negros, que só queriam dar boa-noite.

Só que a riqueza de Liberdade a incomodava. Será que ela se daria bem com aquelas pessoas ricas, mesmo sendo negras? Ela própria um dia se acostumaria a ser rica? Pior do que sua insegurança era o medo de se transformar numa dessas pessoas negras burguesas que se esquecem das origens – e das pessoas – assim que conseguem uma graninha.

– Amor, do que você está falando? – perguntou King. – Já faz um tempo que nós não moramos no gueto.

Eles discutiram na cozinha do apartamento de dois quartos no bairro central. Era uma área habitada pela classe operária, com muitos imigrantes mais velhos, seus filhos de primeira geração e, claro, negros. Não era um





lugar degradado, e certamente era melhor do que Compton, onde Jasmyn e King cresceram. Ainda assim, em vários bairros havia barracas de pessoas em situação de rua. Algumas lojas estavam fechadas com tábuas nas portas e janelas por causa dos protestos contra a violência policial que aconteceram anos antes. A escola pública de Kamau era decente, mas quase não tinha professores negros. Morar ali fazia Jasmyn sentir que tinha progredido, mas não *muito*. Ela ainda sentia um pouco da vibração da comunidade negra de Los Angeles.

King ficou mais chateado com a resistência do que ela esperava.

– Caramba, você é uma defensora pública! Faz mais pelo nosso povo e pela nossa comunidade do que a maioria das pessoas – declarou ele.

– Não significa que posso simplesmente abandonar essas pessoas.

Ele a encarou por alguns segundos, boquiaberto, antes de rebater:

– “Abandonar”? Você não está abandonando seu emprego. Estou falando de nos mudarmos para um lugar só com negros.

Jasmyn sabia que resistia mais por uma razão emocional do que lógica, mas não conseguia afastar a sensação de que perderia uma parte de si caso se mudasse.

Foi preciso ocorrer um incidente com um policial branco, tempos depois, para que ela finalmente se convencesse da decisão de se mudar.

No momento presente, King liga o carro e diz:

– Melhor irmos andando, ou vamos nos atrasar. Marcamos com o designer de interiores às dez e com o paisagista às onze.

Jasmyn assente.

– A gente podia voltar hoje à noite com o Kamau para ele ver esses animatrônicos acesos e se mexendo – sugere ela conforme se afastam.

King aperta a mão de Jasmyn.

– Boa ideia.

– Consegue imaginar a carinha dele quando vir tudo isso?

King esbugalha os olhos, imitando a careta de Kamau quando fica maravilhado com algo. Os dois riem.

Jasmyn abre a janela, coloca o braço para fora e deixa a mão leve, fluindo com a corrente de ar, como fazia quando criança. Dá um longo suspiro. Até o ar em Liberdade tem um cheiro diferente, mais puro e renovado. Eles veem mais dois Papais Noéis negros. Um casal jovem, passeando com o filho pequeno e um cachorro, acena quando eles passam de carro.





Jasmyn abre um sorriso largo e acena de volta. Em alguns meses, ela, King e Kamau estarão acenando para alguém novo no bairro. E por que não arranjar um cachorro também, depois que se acomodarem?

Jasmyn pousa a mão na barriga. Levou anos a mais do que o planejado para engravidar de novo, mas o segundo filho nasceria dali a apenas sete meses. O fato de Liberdade, esse lugar de esplendor negro, ser tudo que seu segundo filho vai conhecer a enche de orgulho. Ela acredita que crescer rodeado de excelência negra plantará uma semente tanto no coração dele quanto no de Kamau. Isso vai ajudá-los a florescer, a crescer seguros de sua beleza e com a autoestima elevada.

Jasmyn aperta a coxa de King.

– Você tinha razão, amor. Foi a decisão certa.





COMENTÁRIOS 1.378

Em resposta ao nosso artigo “Liberdade: A criação de uma utopia negra moderna”

O Los Angeles New Republic se compromete a publicar uma diversidade de vozes. Seus comentários, críticas e conhecimentos sobre o assunto são bem-vindos. Esta conversa é moderada de acordo com as regras de comunidade do Republic. Por favor, leia as regras antes de se juntar ao debate.

• LIBERAL BRANCO DE NY

Sou um liberal branco de meia-idade que mora em Nova York. Tenho sido um grande defensor dos direitos civis praticamente a minha vida toda, mas sempre me surpreendo com a visão limitada dos negros, mesmo os mais bem-sucedidos, como certamente é o caso do Sr. Carlton Way. Será que o grande Martin Luther King Jr. aprovaria essa dita utopia? Ouso dizer que não. Ele a chamaria do que é: uma distopia. O Sr. King queria que nos uníssemos! Brancos, negros, marrons, amarelos, vermelhos, roxos, qualquer um! Todas as pessoas unidas! Uma comunidade como Liberdade nos faz regredir, não progredir.

• DMN666

KKKKKK. Por que parar por aí? Por que não voltar para a África de uma vez? Já vão tarde!

• NEGRO E CURIOSO EM SÃO FRANCISCO

Como eles decidem quem é negro? É o próprio Sr. Way quem decide? Tem um teste genético? É com base nos ancestrais ou no teste do saco de papel pardo, comparando a cor do saco com a cor da pele da pessoa?

• ARTHUR BANE

Tenho plena ciência de que a minha opinião não é a da maioria neste portal de “notícias”, mas Liberdade me parece um lugar idílico. A hierarquia de necessidades de Maslow inclui (entre outras coisas)





segurança, pertencimento e amor, autoestima e autorrealização. Os Estados Unidos têm uma longa e cruel tradição de negar essas necessidades básicas aos cidadãos negros. Por que eles não deveriam criar um lugar para si mesmos?

- **DE SACO CHEIO EM MISSISSIPPI**

Mais um dia, mais um artigo sobre os negros e suas insatisfações. Vocês não têm nenhum assunto mais importante para publicar?

- **PROFESSORGAYLE**

Historicamente, todas as utopias falharam.





CONHEÇA OS LIVROS DE NICOLA YOON

O sol também é uma estrela

Tudo e todas as coisas

Instruções para dançar

Alguém como nós

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

